

SE7E

# REIS ENTRE MELHORES.



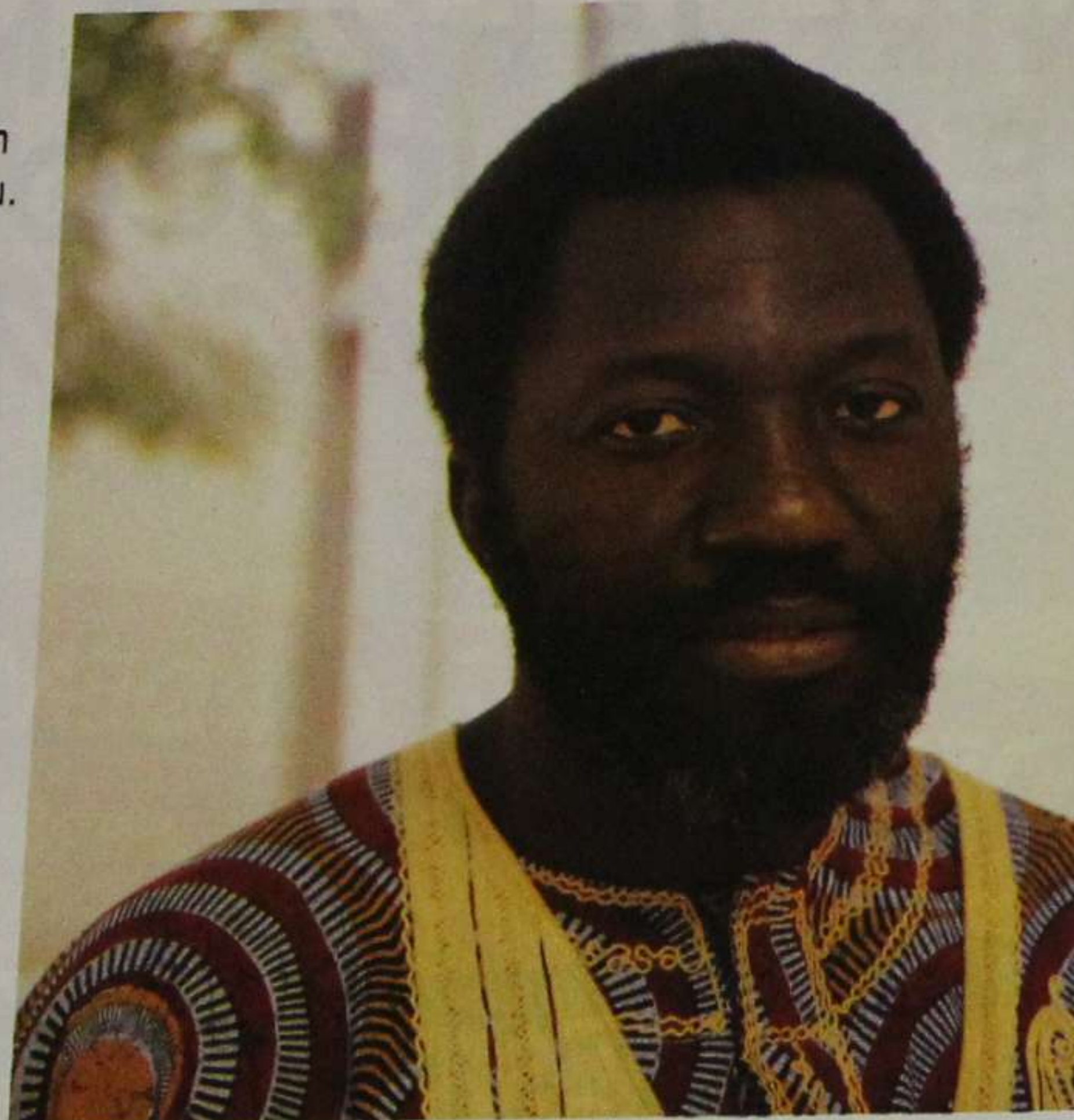
VISITAS • RUDOLF NUREYEV • NAKED CITY • REGRESSOS • MARLENE DIETRICH  
KRAFTWERK • CINDERELA • ENTREVISTA • NUNO REBELO • VERÃO • BARES DE PRAIA

**osicom**  
computers  
*made in USA*

**OSICOM**  
*para si  
que exige alta  
performance*

**TRIBUS**  
a sua melhor opção em informática

Realizou a primeira longa-metragem da Guiné-Bissau. Chamava-se «Mortu Nêga» e não podia ter tido carreira internacional mais auspiciosa. O seu segundo filme obteve do IPC a equiparação a produção nacional. Justo. Boa notícia. Que os anjos o tragam em bem que ele é assim tão... bonito



FLORA GOMES

## uma lança em portugal

**N**unca tinha vindo a Portugal. Agora anda a descobrir a língua de Camões. É pioneiro, gosta de o ser e ainda faz cinema com o coração, com aquele olhar apaixonado. Mas que sabe distinguir que em África, há muito, muito mais do que transparece dos relatos dos noticiários. O seu segundo filme vai começar, e vai ter a trabalhar consigo técnicos portugueses de cinema.

«Se7e» — O seu próximo filme «Os Olhos Azuis de Yonta» foi equiparado a produção nacional. Quer falar-me do projecto?

— É uma história muito simples. Normalmente quando se fala de África as pessoas pensam que é um continente só com dramas, onde não há outras possibilidades. Sobre tudo depois da realização da minha primeira longa-metragem, pensei que valia a pena mostrar também a outra parte, concretamente do meu país, a Guiné-Bissau. Então, entre as várias hipóteses que pus, decidi-me por uma comédia. Uma comédia dramática. É a história de uma rapariga muito nova (Yonta) que se apaixona por um homem. Ele (Vicente) é um dos líderes da revolução nacional, que está muito preocupado com a sua empresa e com o destino do país e, portanto, não se apercebe da paixão desta miúda tão «charmante». Por sua vez, o Zé, um rapaz que veio do campo, também está perdidamente apaixonado por Yonta que está virada para outro amor. É muito a dinâmica da transformação que está a acontecer na Guiné-Bissau.

— Ao que sei, o que dá o mote ao título é um manual de cartas de amor europeu...?

— Isso. O Zé encontra um livro que se chama «Como Escrever Cartas de Amor». Pega numa delas, copia-a e envia-a a Yonta. Ora, essa carta era destinada a uma rapariga europeia de olhos azuis, falava nas neves que caíam e coisas destas. O rapaz manda-a, como se tudo se passasse realmente na Guiné-Bissau, através do irmão mais novo, que Yonta não conhece, e lhe diz apenas que «é uma carta do porto». Acontece que o porto é também onde o Vicente tem a sua empresa. Então as coisas confundem-se. Além destes personagens, há ainda outro homem que trabalha no porto e tem pretensões a escrever, quer ser um poeta. E é nesta aventura, esta cruzada, de Yonta para descobrir quem escreveu essa carta que se vai descobrir a cidade de Bissau.

— O que significa para si e para o cinema da Guiné-Bissau esta equiparação do seu filme pelo Instituto Português de Cinema a produção nacional?

— Devo dizer que foi uma grande surpresa. Foi também muito encorajador e demonstra realmente que há muita coisa a fazer nas relações entre os dois países.

— Para «Mortu Nêga/E a Morte o Negro» tinha pedido esse apoio ao IPC?

— Nessa altura gerou-se alguma má interpretação dos factos. Eu tinha feito o pedido através da embaixada portuguesa na Guiné-Bissau. Esta reacção do IPC fez-me esquecer o que aconteceu com o meu primeiro projecto.

— Vai manter alguém do elenco do primeiro filme?

— Tenho prevista a presença da Bia Gomes que, em princípio, vai fazer o papel de mãe da rapariga (Delante é o nome). Penso também utilizar alguns actores que não tiveram papéis de destaque, no «Mortu Nêga».

— Vai ter actores profissionais ou, como aconteceu em Mortu Nêga, fazer uma espécie de requisição civil amigável da população da Guiné-Bissau?

— Esse é um grande problema. Não temos escolas de formação de actores e ninguém quer dedicar-se a essa vida, por causa dos graves problemas económicos que temos.

— Como está o cinema na Guiné-Bissau, depois da produção da primeira longa-metragem?

— Com «Mortu Nêga» abriram-se novas portas a novas gerações. Não digo isto por ter sido o meu (também primeiro) filme porque, como eu digo sempre, nós os realizadores recolhemos o trabalho de toda a equipa. No caso de «Mortu Nêga» em especial foi um trabalho de, praticamente, toda a população guineense e tenho a certeza, que o mérito não me cabe a mim mas à Guiné-Bissau. Mas, por exemplo, no caso do meu colega Sana Nahata (director do Instituto Nacional de Cinema), que está a preparar a sua primeira longa-metragem, penso que pode beneficiar da ajuda não só do IPC como de outras instituições que me apoiaram. E estamos a sensibilizar os jovens, que têm tendência a considerar o cinema um sonho, uma intelectualice, estando mais virados para cursos como Econó-

micas ou Direito. Os jovens perguntam-me muitas vezes o que é preciso para ser cineasta. E, de um modo muito desencorajador eu respondo sempre: ser doído, antes de tudo. Mas há muitos outros que nos acompanham com prazer, outros que estudam em Cuba, como eu.

— Falou de instituições, que o apoiaram. Que instituições? — O Estado da Guiné-Bissau e os empresários lá instalados. O Ministério da Cooperação Francês e o Channel Four da Inglaterra. E isso aconteceu porque o nosso primeiro filme — nunca gosto de dizer o meu — abriu todas essas possibilidades.

— A carreira de Mortu Nêga foi verdadeiramente auspiciosa. Além de Portugal onde mais o exibiu?

— Andou por muitos lados. Esteve primeiro no Festival de Veneza, em 1988, onde obteve duas menções especiais. No Festival Pan-Africano do Burkina Faso, teve muitos prémios, entre os quais o da melhor primeira obra e da melhor actriz. No Festival de Cinema da Bélgica foi o prémio da distribuição, em Portugal o segundo prémio do Festival de Aveiro. Mais a medalha de bronze do Festival do Cartaz na Tunísia e o prémio para a melhor primeira intérprete... O filme esteve também em Tóquio e no Canadá com boas críticas. Em Hong-Kong, na Holanda e em Paris foi distribuído comercialmente.

— Como sente a expectativa assim criada?

— Fiquei surpreendido e encorajado também, naturalmente. Mas nunca estive tão preocupado como agora. É que desta vez não é só uma aventura dos jovens guineenses, senegaleses e franceses. Vai ser uma aventura muito maior, porque vamos trabalhar com profissionais portugueses, o que é uma coisa que eu faço questão. São internacionalmente reconhecidos como grandes técnicos.

— Pode adiantar nomes?

— Ainda não. Estou à espera de um fax com confirmações. Mas estou a contar com um maquinista, um electricista, um director de fotografia e um director de decoração.

— No Mortu Nêga sentia-se muito a tentação do documentário? Não o atrai essa especificidade? Como definiria o seu filme?

— Sentia-se, sim, porque eu comecei por trabalhar como documentarista. É talvez a componente mais forte da minha formação... Eu diria que Mortu Nêga é uma ficção com muita tentação...

— Como vê as relações entre Portugal e a Guiné?

— Devo dizer que só a partir do meu relacionamento com Paulo de Sousa, o meu produtor português, comecei a descobrir Portugal. Nunca cá tinha vindo expressamente... Sabe que eu sou o resultado de uma longa marcha guineense, que foi uma longa luta contra o povo português. Tínhamos um grande objectivo que fez com que hoje pudéssemos estar sentados à mesma mesa, a falar esta língua tão bonita que eu, apesar de não dominar bem, adoro ouvir. De modo que estou neste momento em franca descoberta de Portugal, em particular da literatura. Repare que eu fiz os meus estudos secundários em Cuba e tenho uma formação que não tem nada a ver com a do país que colonizou o meu. A princípio, de maneira nenhuma podia cair nessa tentação. Mas, como mais tarde me apercebi, essa língua que vocês chamam de Camões, tem Saramago! A Jangada de Pedra! Como era possível? É magnífico. Penso que aquela foi uma luta comum que fizemos. É verdade que essa cicatriz não se podia apagar de um dia para o outro. Mas, é na literatura, na música, na pintura, no cinema que está o futuro das nossas relações. Não pode haver economia sem a alma de uma nação. Lá é que está a verdadeira razão da nossa existência. Em Queiroz, noutros grandes homens... Não podemos falar de cinema sem falar de Oliveira, que é um grande personagem.

— Conhece bem a obra dele?

— Não toda, mas o que conheço gosto muito. É um homem com uma força, uma energia incrível para expor aquilo que sente. E é por aqui que penso que também nós, e apesar das dificuldades que temos, podemos contribuir de uma maneira eficiente para as relações de Portugal com os países que em tempos colonizou se aproximem. Porque eu sou daqueles que acredito que o futuro desta humanidade é fruto da mistura. Para mim só há uma maneira de distinguir os homens: o mais inteligente e o menos inteligente. E há tantos homens inteligentes brancos, como pretos ou amarelos. Sou também daqueles que acredita que a África tem um papel importante a desempenhar no destino da Humanidade.

— Não se sente tentado a filmar em Portugal?

— Sim, sim. De cada vez que passo na central dos correios, dá-me vontade de pegar numa câmara e começar a filmar! Aquilo é uma autêntica «mise-en-scène»! Nem é preciso escrever argumento para ver como os compatriotas se comportam. Ando há muito à procura de um tema que pudesse ser parcialmente filmado cá.

— Como se posiciona em relação a dois outros grandes cineastas africanos, Idrissa Ouedrogo e Souleyman Cissé?

— Pessoalmente conheço os dois e somos grandes amigos. Não tiveram ainda oportunidade de passar os seus filmes na Guiné. Esse é um dos grandes dramas que temos: quando queremos ver um filme africano temos de vir aqui. Não temos meios de encomendar cópias dos filmes dos nossos compatriotas e as salas que existem na Guiné estão em muito mau estado. Por outro lado os detentores do monopólio da exibição não passam esses filmes. Só no Instituto francês é possível ver esses outros filmes. Mas o Souleyman Cissé deu um passo gigante e isso estimulou-nos muito, a nós que estávamos, e estamos, nos primeiros passos. O importante é Souleyman ter mostrado ao mundo que a África existe. Sabei-se daquela ideia feita de que a África é um continente que só tem dramas. Tenho igualmente uma grande admiração pelo Idrissa que começou também de uma maneira muito eficiente. Nos outros países africanos lusófonos acredito de todo o coração que se caminha rapidamente para isso. A esperança tem de ser a palavra de ordem.

■ Teresa CARMO

# CONTA em Movimento

## CONTA DEPÓSITO À ORDEM

- Taxa de juro aliciente
- Fácil abertura
- Atribuição imediata de cartão personalizado "Conta em Movimento" com acesso à rede Multibanco
- Possibilidade de utilização de cheques a partir dos 18 anos
- Isenta de despesas de manutenção

## CONTA POUPANÇA ESPECIAL JOVEM

- Remuneração atractiva
- Grande flexibilidade
- Juros contados dia a dia

## CONTA POUPANÇA HABITAÇÃO JOVEM

- Das mais altas taxas de juro praticadas
- Grande flexibilidade nas entregas
- Interessante esquema de incentivos
- Acesso ao crédito por jovens com mais de 18 anos

## CRÉDITO JOVEM

Acesso a uma linha específica de crédito que contempla:

- Despesas escolares e pessoais
- Despesas com o início de actividade profissional e equipamento
- Estágios e cursos no País e no Estrangeiro
- Sinal para aquisição de habitação própria
- Férias e Viagens de Estudo



Ao seu dispôr aos Balcões do  
**BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA**

O seu Banco de Sempre